

O MUNDO REAL NA TELA DO CINEMA: CABEÇA DE NÊGO E A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

THE REAL WORLD ON THE CINEMA SCREEN: CABEÇA DE NÊGO AND BRAZILIAN EDUCATION

Fábio Santos de Andrade

Pós-doutor em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).
E-mail: fasaan@hotmail.com

Juliana Faria Álvaro

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional da Universidade Federal de Rondônia (Unir). *E-mail:* jfaria.alvaro@gmail.com

Reginaldo Santos Pereira

Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). *E-mail:* reginaldouesb@gmail.com

Resumo: Os filmes, documentários, curtas, médias e longas-metragens cada vez mais se aproximam da experiência e da fruição estética do cinema, pois neles circulam ideias, afetos, sentimentos, memória e problematização das questões da vida cotidiana e/ou da nossa contemporaneidade, interrogando a realidade. O Cinema Negro tem ganhado força no cenário nacional ao apresentar cenas do cotidiano que revelam a violência sofrida pela população negra, principalmente no ambiente escolar, o que nos leva a refletir sobre a escola e sobre as experiências que nela se manifestam e que atingem sobremaneira estudantes negros e negras. Nessa trilha, o cinema tem sido uma das formas utilizadas para discutir temáticas que envolvem a condição da população negra no Brasil, apontando os fenômenos que se manifestam na vida cotidiana e que tentam deslocar essa população para a condição de subordinação e de inferiorização. Neste texto, apresentamos uma reflexão sobre o cotidiano escolar tendo como base alguns significantes presentes no filme *Cabeça de Nêgo*, lançado em 2020. O filme levanta uma importante reflexão sobre a luta antirracista, convidando-nos à reflexão sobre situações de opressão e violência vivenciadas por jovens negros(as) no cotidiano escolar e que, por vezes, são camufladas ou silenciadas dentro dessas instituições, tornando mais difícil a trajetória desses estudantes.

Palavras-chave: Cinema Negro. Educação escolar. Racismo estrutural. Diversidade e diferença. Vida cotidiana.

Abstract: Films, documentaries, shorts, mediums and feature films are increasingly approaching the experience and aesthetic fruition of cinema, as ideas, affections, feelings, memory and problematization of everyday life issues and/or ours circulate in them contemporaneity, questioning reality. Black Cinema has gained strength on the national scene by presenting everyday scenes that reveal the violence suffered by the black population, especially in the school environment, which leads us to reflect on the school and on the experiences that are manifested in it and that affect particularly black students. Along this path, cinema has been one of the ways used to discuss themes that involve the condition of the black population in Brazil, pointing out the phenomena that manifest themselves in everyday life and that try to move this population to a condition of subordination and inferiority. In this text, we present a reflection on everyday school life based on some signifiers present in the film *Cabeça de Nêgo*, released in 2020. The film raises an important reflection on the anti-racist struggle, inviting us to reflect on situations of oppression and violence experienced by young black people in everyday school life and who are sometimes camouflaged or silenced within these institutions, making the trajectory of these students more difficult.

Keywords: Black Cinema. Schooling. Structural racism. Diversity and difference. Everyday life.

REFLEXÕES INICIAIS

Desde o início do século XX, a discussão sobre direitos humanos e justiça social para a população negra tem ganhado força ao travar duras batalhas contra o conservadorismo e o pensamento colonial branco europeu. No entanto, as pessoas negras ainda continuam a ter seus direitos básicos violados, principalmente as que se encontram em situação de pobreza, fruto da história política desenhada por uma classe dominante predominantemente branca. Assim,

Devemos considerar que o fato de a maioria da população negra brasileira estar em péssimas condições de vida no século XX origina-se com o fim do tráfico, em 1850, de pessoas africanas escravizadas; com o fim legal da escravidão em 1888 e com a tentativa de substituir a mão de obra negra pela imigrante (assalariada com o fim do sistema escravocrata) no fim do século XIX (ANDRADE, 2019, p. 27).

As leis que se desenharam no século XIX libertaram juridicamente, mas os negros e as negras continuaram pobres, sem posses, considerados seres inferiores sob o olhar do branco e vítimas de crueldades inimagináveis que se estenderam por todo o século XX.

O século XXI, tempo em que os discursos sobre direitos humanos, cidadania e justiça social se acentuam, também é marcado pela reticente violência que atinge a população negra brasileira. Violência que se manifesta em todos os espaços de sociabilidade, entre eles a escola. Cabe destacar que a escola é uma instituição social importantíssima na formação do indivíduo, é o espaço onde se estabelecem valores que contribuirão para a formação integral dos estudantes em todas as suas dimensões e deve trabalhar para o desenvolvimento de pessoas conscientes, críticas e comprometidas com a construção de uma sociedade melhor (CARAPELLO, 2020). A escola deve ser um lugar de aprendizagens de conteúdos programáticos e também um local sociocultural, que permita o contato com a diversidade, com o diferente. Com base nos artigos 205 e 206 da Constituição Federal:

Art. 205 – A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206 – O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber [...] (BRASIL, 2010).

A escola de papel, tão bem desenhada nos textos jurídicos e anunciada em tempos de campanha eleitoral, ainda está distante de boa parte da população afro-brasileira. O que persiste é uma estrutura educacional que ainda tenta embranquecer a cultura, os saberes e impor uma identidade branca movida por um racismo estrutural. Para Gomes (2003, p. 171),

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável quando discutimos, nos processos de formação de professores, sobre a importância da diversidade cultural?

É preciso refletir sobre a escola e sobre as experiências que nela se manifestam e que atingem sobremaneira a população negra. Nessa trilha, o cinema tem se tornado, cada vez mais, uma importante ferramenta para discutir temáticas que envolvem a

condição da população negra no Brasil, apontando os fenômenos que se manifestam na vida cotidiana e tentam deslocar essa população para a condição de subordinação e de inferiorização.

Considerando as múltiplas linguagens formativas, acreditamos que o cinema é uma criação cultural e artística que possibilita a circulação e expressão de sentimentos, diálogos, reflexões críticas e fruição estética, por meio do qual compreendemos e damos sentido às coisas e refletimos sobre nossos modos de vida, existência e sobre o mundo (PEREIRA; ANDRADE; SOUZA, 2021, p. 26).

Nos últimos anos, o Cinema Negro tem ganhado força no campo da cultura cinematográfica nacional, e, para além do espetáculo de produção e fotografia, os filmes têm trazido discussões sobre temas que são camuflados na rotina da vida cotidiana e que violentam a população negra.

Incidu-se o discernimento da categoria de dimensão pedagógica do cinema negro, quando se percebeu a fragmentação da imagem epistemológica do negro, assim como da imagem do íbero-ásio-afro-americano e todas as minorias, em relação à estranheza para a reificação da euro-heteronormatividade. Diante desta aviltação da imagem do afro-descendente e das minorias, necessária a reconstrução da imagem de afirmação positiva (PRUDENTE, 2018, p. 12).

Dessa forma, neste texto apresentamos uma reflexão sobre o cotidiano escolar tendo como base alguns significantes presentes no filme *Cabeça de Nêgo*, lançado em 2020. Trata-se de um longa-metragem nacional, escrito e dirigido por Déo Cardoso, que buscou inspiração na luta dos Panteras Negras, grupo político norte-americano que na década de 1960 se dedicou à defesa da comunidade afro-americana.

O filme levanta uma importante reflexão sobre a luta antirracista, convidando-nos à reflexão sobre situações de opressão e violência vivenciadas por jovens negros(as) no cotidiano escolar e que, por vezes, são camufladas ou silenciadas dentro dessas instituições, tornando mais difícil a trajetória desses estudantes.

CONHECENDO A OBRA

Nome do filme: *Cabeça de Nêgo*

Ano de lançamento: 2020

Direção: Déo Cardoso

Produção: Patrícia Bahia e Maurício Macêdo

Duração: 85 minutos

Cor: Colorido

Locais de produção: Nordeste do Brasil

País de origem: Brasil

Classificação: Não recomendado para menores de 14 anos

Imagem 1: Cartaz de divulgação do filme



Fonte: Cabeça de Nêgo (2021a).

O enredo do filme versa sobre a luta do movimento estudantil contra as péssimas condições de ensino e aprendizagem oferecidas por uma escola pública. Ambientada na região periférica de uma cidade nordestina, a escola atende uma população em situação de pobreza econômica e predominantemente negra. Retrato que reproduz cenas do Brasil onde a população negra é o público principal nas salas de aulas das

escolas públicas, principalmente as que se encontram em comunidades que vivem em situação de pobreza.

O personagem principal do filme, Saulo, interpretado por Lucas Limeira, é líder do grêmio estudantil de escola e vivencia em sala de aula a violência recorrente no Brasil, onde os xingamentos expõem o racismo estrutural. A palavra macaco (o mais comum dos xingamentos), conhecida por ser proferida constantemente nos estádios de futebol por grupos e pessoas racistas, foi usada para agredir Saulo, o que o fez vítima não apenas do anúncio da palavra, mas também da estrutura racista que predomina em muitas escolas. Quando responde de forma ofensiva, Saulo é o único a sofrer punição, passando a ser atacado pelo sistema repressor da escola, que tenta colocá-lo na condição de violento e de ameaça aos demais alunos e alunas e ao cotidiano escolar. Dessa forma, a expulsão torna-se o caminho escolhido pela direção da escola para se “livrar” de Saulo. Ao impor essa condição ao estudante, o diretor tira-o da condição de vítima e o coloca como infrator. Essa atitude do gestor da escola revela como a população negra ainda hoje é vista de forma preconceituosa.

Imagem 2: A repressão escolar



Fonte: Gadelha (2021).

Saulo, que naquele momento já refletia sobre a condição da população negra no Brasil a partir das leituras que fazia sobre os Panteras Negras, decide iniciar um embate

político com a escola, pois não estava disposto a sair dela até que mudanças na qualidade do ensino fossem efetivadas. Assim, o jovem Saulo inicia um movimento de luta à luz de Martin Luther King, Nelson Mandela, Marielle Franco e Angela Davis. Sua luta não está centrada apenas no racismo, mas principalmente no direito à educação de qualidade.

Imagem 3: Saulo sob o olhar de Angela Davis



Fonte: Cabeça de Nêgo (2021b).

Com um celular, Saulo passa a filmar as péssimas condições físicas da escola e a denunciá-las nas redes sociais. É por meio das redes sociais que ele convoca a população para um manifesto que reivindica melhorias para a instituição e lutar contra a opressão imposta pela direção.

Ao pernoitar na escola, Saulo filma a precariedade em que o local se encontra. Seus vídeos ganham grande repercussão e passam a incomodar o poder público, que tenta calar sua voz. No entanto, sua voz já era ouvida, e suas bandeiras de luta levam diversos alunos e alunas a ocupar o entorno da escola. Juntos, eles elaboram uma carta de compromisso que deve ser assinada pelo secretário de Educação, garantindo a melhoria da qualidade da educação ofertada pela escola, além de rever atitudes racistas impostas anteriormente.

O filme funciona como uma panela de pressão, convidando os espectadores a compartilhar a luta dos alunos contra políticos e diretores opressores. Enquanto alguns projetos optam por um distanciamento reflexivo, tentando compreender os pontos de vista de diferentes partes envolvidas, o drama cearense constitui pura imersão (CARMELO, 2020).

É nesse enredo que se anuncia a verdadeira dimensão do Cinema Negro, em que o protagonismo revela um sujeito histórico à medida que reescreve com a objetiva a sua própria representação, “inspirando assim as minorias como um todo na luta contra a euro-heteronormatividade, que foi dada pela imagética de dominação do euro-hetero-macho-autoritário” (PRUDENTE, 2018, p. 105).

CABEÇA DE NÊGO E VIDA COTIDIANA

O silenciamento das instituições de ensino em relação às violências sofridas pelos alunos negros e pelas alunas negras contribui para o agravamento das afirmativas de que o fenômeno social é um problema apenas das vítimas, negando um problema social que deve ser combatido por meio de práticas educativas antidiscriminatórias e antirracistas. Outro fator que agrava o fenômeno da discriminação racial no espaço escolar é o falso discurso do “somos todos iguais”, que nega a existência de diferenças no processo de ensino e aprendizagem de alunos(as) negros(as) e brancos(as), mesmo diante de estatísticas que contradizem os fatos e apontam uma desigualdade no desempenho escolar desses dois grupos (GUIMARÃES, 2010).

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2015 (FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA, 2017) apontou que no Brasil há 2.802.258 crianças e jovens, de 4 a 17 anos, fora da escola, dos quais 64% são identificados como negros ou pardos. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020), com base na Pnad de 2019, apontam que a taxa de analfabetismo de pessoas que se declararam pretas e pardas ficou 5,3 pontos percentuais maior em relação à taxa das que se declararam brancas, sendo 8,6% de pretas e pardas, e 3,6% de pessoas autodeclaradas brancas, na faixa etária de 15 anos ou mais. Quando se trata de pessoas acima de 60 anos, esse número é ainda maior, chegando a 27,1% para as pessoas pretas e pardas, e 9,5% para as pessoas brancas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, ao incluírem a Lei nº 10.639, que institui a obrigatoriedade do ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira em todo o currículo escolar, assumem que há uma deficiência no sistema de ensino brasileiro ao excluir de sua matriz curricular as raízes, culturas e lutas do povo negro. Situação evidenciada em *Cabeça de Nêgo*.

No filme, Saulo recebe o apoio de uma professora negra que o incentiva na luta, apresentando a ele uma literatura antirracista escrita por negros e negras. A ação da professora reforça a importância de “entender o conjunto de representações sobre o negro existente na sociedade e na escola, e enfatizar as representações positivas construídas politicamente pelos movimentos negros e pela comunidade negra” (GOMES, 2003, p. 77).

O estudo da cultura negra possibilita a construção do sentir-se pertencente e incluso na história e o reconhecimento da identidade. Para Gomes (2003), tais estudos tratam sobre a consciência cultural, estética e religiosa e sobre a negritude, definidas ao longo do processo de africanidade e recriação cultural, dando espaço para que os indivíduos negros se posicionem mediante os demais e valorizando aspectos importantes da sua ancestralidade e de toda a sua história.

O racismo sofrido dentro do espaço escolar por vezes acaba sendo diminuído pelos discursos que afirmam ser “apenas uma piada”, “brincadeira” ou “chacota”. Em outros contextos, o racismo chega a ser minimizado em forma de *bullying*. Entretanto, para Carapello (2020), a partir do momento em que essas ofensas se convertem em agressões, referindo-se sempre às características físicas da vítima como cor de pele e/ou traços que marcam sua identidade, já não se trata de *bullying*, mas de racismo.

Esse tipo de violência sofrida por estudantes negros e negras no cotidiano escolar pode desencadear uma série de danos como agressões, tanto físicas quanto simbólicas, gerando sofrimento psíquico ou deixando marcas no corpo; além de poder causar traumas irreversíveis às crianças e aos adolescentes negros.

Para Moreira-Primo e França (2020), o racismo que ocorre na escola impõe aos alunos negros e negras um caminho bem mais árduo e difícil do que aos alunos brancos. Os traumas causados por esse tipo de violência afetam cruelmente a autoestima dos jovens, gerando sentimento de inferioridade, de não pertencimento, podendo causar a não aceitação das suas características, abalando a maneira como se veem no mundo e trazendo consequências à sua saúde psicológica. Pesquisa divulgada pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2018b), realizada pelo Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social da Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa do Ministério da Saúde (Dagep/Sgep/MS), utilizando dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM/Datasus/MS) no período de 2012 a 2016, apontou que a taxa de suicídio entre jovens negros teve uma elevação em comparação às demais raças, sendo de 53,3% em 2012 e 55,4% em 2016.

SEM CHEGAR AO FIM...

Como o racismo e outras formas de violência vivenciadas pela população negra têm múltiplas faces, é necessário que a escola esteja atenta a qualquer sinal de

violência que venha a acontecer em seu cotidiano. A garantia de uma educação de qualidade deve estar ao alcance de todos, e, para isso, a escola deve estar ciente do seu papel e trabalhar com políticas educativas que valorizem as diferenças e a diversidade no espaço escolar.

A educação tem o poder da transformação, de mudar atitudes, de ressignificar a maneira como se vê, o agir no mundo, na sociedade. Ela não pode se esquivar da responsabilidade transformadora, de ampliar horizontes, de dialogar e refletir (CARAPELLO, 2020). É fundamental que as instituições de ensino estejam abertas para discutir sobre questões relevantes à sociedade, inclusive sobre as relações raciais. Para que isso seja possível, a escola deve estar ciente do seu papel na sociedade e reconhecer a importância da diversidade presente em seu cotidiano, trabalhando principalmente com a valorização das diferenças. O Brasil é um país que tem por características a pluralidade cultural, e, dessa forma, a diversidade está presente em todos os aspectos da vida escolar.

A escola deve trabalhar para promover a valorização das diferenças. Para que isso seja possível, é necessário o alinhamento de um currículo que valorize a diversidade e efetive políticas educacionais que combatam todo e qualquer tipo de preconceito e discriminação. Conforme o disposto na Base Nacional Comum Curricular sobre uma das implicações referentes à educação básica, a escola deve

Visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento. É preciso assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades (BRASIL, 2018a, p. 14).

A escola não pode, de forma alguma, vender os olhos a qualquer ato de preconceito e discriminação que ocorra no cotidiano escolar, e, assim, é necessário que esteja bem atenta aos detalhes e compreenda que a discriminação pode ter inúmeras faces, podendo ser de caráter social, étnico, religioso, de gênero, entre tantos outros. Para Moreira e Candau (2003), a escola deve estar atenta a todas as situações de violência e dar o primeiro passo, reconhecendo a existência do problema, para que possa então combatê-lo. Outra estratégia importante é a valorização da identidade para trabalhar a autoestima e desenvolver o respeito mútuo.

Nesse sentido, é de suma importância trabalhar a formação continuada dos professores e gestores para que possam formular um currículo que vise a valorização da pluralidade de identidades no ambiente escolar. Conforme Canen e Xavier (2012, p. 310),

a formulação desse documento “pode representar espaço/tempo discursivo central para a promoção de uma educação valorizadora da diversidade cultural e promotora do sucesso escolar”. Para Gomes (2003, p. 173), a escola deve

Compreender a complexidade na qual a construção da identidade negra está inserida, sobretudo quando levamos em consideração a corporeidade e a estética, é uma das tarefas e desafios colocados para os educadores. Deveria, também, ser uma das preocupações dos processos de formação de professores quando estes discutem a diversidade étnico-cultural.

Trabalhar para uma educação multicultural não é uma tarefa fácil, mas possível. Para isso, é necessário que a escola esteja atenta a qualquer ato de preconceito e discriminação. Ela deve trabalhar com base na valorização da diversidade cultural e das diferenças presentes no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, F. S. de. *Crianças e adolescentes em situação de rua no Brasil: táticas de sobrevivência e ocupação do espaço público urbano*. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018a. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 6 jan. 2022.
- BRASIL. *Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016*. Brasília: Ministério da Saúde, 2018b. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf. Acesso em: 15 mar. 2022.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com alterações adotadas pelas emendas constitucionais*. Brasília: Senado Federal, 2010.
- CABEÇA DE NÊGO. *Papo de Cinema*, 2021a. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/cabeca-de-nego/fotos/>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- CABEÇA DE NÊGO: conheça elogiado filme cearense do diretor Déo Cardoso. *Rolling Stone Brasil*, 2021b. Cinema. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/cinema/cabeca-de-nego-conheca-elogiado-filme-cearense-do-diretor-deo-cardoso/>. Acesso em: 20 maio 2022.
- CANEN, A.; XAVIER, G. P. de M. Gestão do currículo para a diversidade cultural: discursos circulantes em um curso de formação continuada de professores e gestores. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n. 2, p. 306-325, 2012. Disponível em: https://gestaoeducacaoespecial.ufes.br/sites/gestaoeducacaoespecial.ufes.br/files/field/anexo/canen-xavier_curric_sem_frenteira.pdf. Acesso em: 20 mar. 2022.

- CARAPELLO, R. O racismo camuflado pelo *bullying*. *Revista Educação-UNG-Ser*, v. 15, n. 1, p. 171-178, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Administrador/Downloads/4018-13465-1-PB.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- CARMELO, B. Crítica. *Papo de cinema*, 2020. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/cabeca-de-nego/detalhes/>. Acesso em: 22 abr. 2022.
- FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. Cenário da exclusão escolar no Brasil. Brasília: Unicef, 2017. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/media/481/file/Cenario_da_exclusao_escolar_no_Brasil.pdf. Acesso em: 14 mar. 2022.
- GADELHA, A. Cearense 'Cabeça de Nêgo' estreia em novembro na Globoplay. *Ensaio Crítico*, 3 nov. 2021. Disponível em: <https://www.ensaiocritico.com/post/cabeca-de-nego-globoplay>. Acesso em: 20 maio 2022.
- GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003.
- GUIMARÃES, A. C. *Vivências de discriminação racial na escola pública de um grupo de jovens negros*. 2010. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-08112013-153732/publico/Adriana_Cristina_Guimaraes_Mestrado.pdf. Acesso em: 21 mar. 2022.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. PNAD Educação 2019: mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. IBGE, 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>. Acesso em: 11 mar. 2022.
- MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, p. 156-168, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/99YrW4ny4PzcYnSpVPvQMYk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 mar. 2023.
- MOREIRA-PRIMO, U. S.; FRANÇA, D. X. de. Efeitos do racismo na trajetória escolar de crianças: uma revisão sistemática. *Debates em Educação*, v. 12, n. 26, p. 176-198, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/8403/pdf>. Acesso em: 11 mar. 2022.
- PEREIRA, R. S.; ANDRADE, F. S. de; SOUZA, E. Q. de. Infâncias, educação e ludicidade: leituras cinematográficas de Território do Brincar. In: PRUDENTE, C. L.; ALMEIDA, R. de (org.). *Cinema Negro: educação, arte, antropologia*. São Paulo: Feusp, 2021. p. 208-223.
- PRUDENTE, C. L. A dimensão pedagógica do cinema negro: a imagem de afirmação positiva do íbero-ásio-afro-ameríndio. *Extraprensa: Cultura e Comunicação na América Latina*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 6-25, jul./dez. 2019.

PRUDENTE, C. L. A dimensão pedagógica do Cinema Negro: uma arte ontológica de afirmação positiva do íbero-ásio-afro-ameríndio: a origem do Cinema Negro e sua dimensão pedagógica. *In*: PRUDENTE, C. L.; SILVA, D. C. (org.). *A dimensão pedagógica do Cinema Negro: aspectos de uma arte para a afirmação ontológica do negro brasileiro: o olhar de Celso Prudente*. Curitiba: Prisma, 2018. p. 67-109.

Recebido em: junho de 2022.
Aprovado em: outubro de 2022.